

MIGUÉIS, José Rodrigues — **Onde a noite se acaba**, Lisboa, Estúdios Cor. 1968, 240 pp.

O conto, de algumas décadas para cá, vem sendo fôrma cultivadíssima na Literatura Portuguêsa, por autores da maior expressão e é o caso, para apenas citar alguns, de Branquinho da Fonseca, Vergílio Ferreira, Fernando Namora, José Régio, José Cardoso Pires, Manuel da Fonseca, Sophia de Mello Breyner Andersen, Fernanda Botelho, José Rodrigues Miguéis.

José Rodrigues Miguéis, autor de *Leah, Gente da Terceira Classe*, no tocante a contos e de vários romances: *Escola do Paraíso, Uma Aventura Inquietante*, entre outros, vê reeditada por Estúdios Cor sua obra *Onde a noite se acaba*.

O volume insere os seguintes contos e novelas: "Enigma", "Morte de Homem", "A mancha não se apaga", "O chapelinho vermelho", "A linha invisível", "Cinzas de incêndio", "O acidente", "Beleza orgulhosa" e encerra-se com uma nota do autor.

A primeira impressão com que se sai destas narrativas é de estranheza da vida, causada por um mistério que ultrapassa de longe a compreensão que possam ter as personagens. Parece que algumas forças imponderáveis e incompreensíveis explicam ou antes complicam os "fatos" que ocorrem no decorrer dos contos. Por outro lado, um sentido poético, místico e trágico parecem presidir os momentos conflituosos únicos (e por isso são contos) que se revelam neste *Onde a noite se acaba*. É o que se evidencia em narrativas como "Morte de homem", "A mancha não se apaga" e "Enigma".

O mistério com que J. R. M. cerca sua narrativa, consciente ou inconsciente da parte do Autor, apresenta duas virtudes ou virtualidades: primeira, ao plano do conteúdo, por encerrar a verdade ao plano da narrativa e da vida (daí a verossimilhança), no concernente ao fantástico e à ficção; segundo, ao plano da técnica narrativa, porque constitui artifício validíssimo para atrair a atenção e manter os leitores em constante "suspense". Tudo isto leva a um aspecto facilmente verificável: os cenários, ou melhor, a atmosfera e a ação interessam mais que a própria personagem e por isso, lembrando a classificação de contos proposta por Carl H. Grabo, podemos inseri-los num tipo: misto de atmosfera e emoção. Os mesmos contos que citamos acima ilustra bem nossa afirmação. Nesta predominância do acidente, de acontecimento, da situação sôbre a persinagem, revela-se a maestria e de certo modo, a universalidade que o autor consegue conferir às suas narrativas. É com visão trágica e poética que J. M. R. coroa as situações criadas e fulmina os seus leitores.

Num certo sentido, os contos respiram um ar português, mas vez ou outra comparece a atmosfera mais ampla, refletindo um cosmopolitismo que evita a estreiteza de ambientação que pudesse diminuir o raio de ação do centro.

No tocante então ao enredo, à história, J. M. R. realmente consegue criar estes momentos únicos, fundamentais e reveladores das personagens; mas também ao nível do “discurso” literário, opera-se a maior parte das funções literárias assinaladas por Roman Jakobson. Dentre elas destacava-se evidentemente a função poética ou fantástica, em que J. R. M. logra a supra-realidade através de reações e momentos psicológicos de suas personagens, revelando um outro mundo poético, misterioso, raiando às vészes o irreal; a função expressiva ou emotiva concomitantemente se depreende da extravasão da sensibilidade apurada das personagens que emitem sentimentos e emoções derivados da estranheza, do mistério que a “vida” provoca nas tais situações grandiosas e irreparáveis do ser. A função metalingüística ou translingüística também realiza-se na linguagem dos contos, já que há um mesmo código entre as personagens; o que não há é o entendimento do código da vida, pois como afirmamos muitos fatos permanecem numa área sombria e indecifrável. É o que ocorre na primeira narrativa, “Enigma” em que a personagem principal da história adquire um pequeno cofre numa casa de antigüidades e misteriosamente isto vem causar-lhe a morte em condições trágicas embora com certa dose de humor. E aqui surge outro elemento importante no processo de criação dos contos: ao lado do poético e do trágico aparece com grande destaque a ironia, o humor, constituindo mais um atrativo a estas histórias em si já tão atraentes.

Em síntese e em conclusão, pelo que expusemos, não só no tocante ao conteúdo mas também no respeitante aos expedientes técnicos, este breve volume de contos revela-se cheio de qualidades e constitui o que de melhor tem produzido J. M. R.

JOÃO DÉCIO